CDU
595.384.2(81):57.06

TAXONOMIA E DISTRIBUIÇÃO DAS ESPÉCIES DO GÊNERO *Acanthonyx* Latreille, NO BRASIL (CRUSTACEA, DECAPODA, MAJIDAE).

PETRÔNIO ALVES COELHO[1,2]

MARIA FERNANDA ABRANTES TORRES[1]

RESUMO

A taxonomia e a distribuição do gênero *Acanthonyx* no Brasil encontra-se mal conhecida. Desta forma foi realizada uma revisão do material existente em instituições sediadas em Recife, João Pessoa, Rio de Janeiro, São Paulo e Hamburgo, reunindo ao mesmo tempo, dados oceanográficos sobre as condições de coleta (temperatura, salinidade, profundidade e tipo de fundo). Foi comprovada a ocorrência de 2 espécies no Brasil, uma identificada à *Peltinia scutiformis* Dana (e colocada então no gênero *Acanthonyx*) e outra, nova para a ciência. *A. scutiformis* é encontrada desde o Espírito Santo até São Paulo em coletas costeiras. Sua área de ocorrência está limitada, em direção ao norte, pelas isotermas de 24° e 27°C em agosto e fevereiro, respectivamente e, em direção ao sul, pelas isotermas de 18°C em agosto e 24°C em fevereiro. Esta distribuição é comparável à de *Microphrys garthi* (Majidae) e de outras espécies de Palaemonidae, Callianassidae e Ocypodidae, sendo mais uma indicação de que o setor Espiríto Santo - São Paulo constitui área de endemismo; seria possível compará-la também com a área de ocorrência de *Epialtus brasiliensis* (Majidae) e *Lepidopa venusta* (Albuneidae), porém estas espécies ocorrem também na Colômbia ou Venezuela. A nova espécie está assinalada desde o Piauí até a Bahia, ocorrendo desde a zona intertidal até cerca de 20 m, preferencialmente em substratos rochosos. Sua distribuição em direção ao sul, não ultrapassa a posição da isoterma de 24°C em agosto ou

1 - Departamento de Oceanografia, UFPE

2 - Bolsista do CNPq.

de 27°C em fevereiro. Ao longo de sua área de ocorrência, a salinidade é sempre superior a 36°/oo. Esta distribuição corresponde a uma área de endemismo conhecida para espécies de outras famílias, inclusive 10 outras espécies de Majidae (espécies tropicais do sul).

ABSTRACT

The taxonomy and distribution of the genus *Acanthonyx* in Brazil is not very well known. In this way, a revision of the material existent ininstitutions of Recife, João Pessoa, Rio de Janeiro, São Paulo and Hamburg was made, gathering, at the same time, oceanographic data about collect conditions (temperature, salinity, depth, bottom tupe). It was confirmed the ocurrence of 2 species in Brazil, one identified as *Peltinia scutiformis* Dana (and then placed in the genus *Acanthonyx*) and other, new to science. *A. scutiformis* is found from Espírito Santo to São Paulo, in coastal habitats. Its range is limited, toward north, by the 24° and 27°C isotherms in august and february, respectively, and toward south, by the 18°C isoterm in august and 24°C in february. This distribution is comparably to that of *Microprys garthi* (Majidae) and other Palaemonidae; Callianassidae and Ocypodidae species, being an indication that the Espírito Santo - São Paulo sector is an endemism area; it would be possible too, to compare it with the dispersion area of *Epialtus brasiliensis* (Majidae) and *Lepidopa venusta* (Albuneidae), but these species also occurs in Colômbia and Venezuela. *A. dissimilis*, new species, occurs from Piauí to Bahia, occurring since the intertidal zone till 20 m, preferable on rocky bottons. Its distributions toward south, don't overreachs the 24°C isoterm in augost or that of 27°C in february. The salinity is always above 36°/oo along it's occurrence area. This distributtion correspond to an endemism area known to species of other families, including 10 other species of Majidae (south tropical species).

INTRODUÇÃO

O gênero *Acanthonyx* é formado por caranguejos encontrados em grande número, ocultos entre as algas e as fanerógamas submersas, com as quais se confundem pelas suas cores. Vários nomes foram atribuídos às espécies que ocorrem nas costas do continente americano. O primeiro nome científico proposto foi *Acanthonyx petiverii* Milne Edwards (1834), tomando como tipo exemplares provenientes das Antilhas. Logo a seguir, Bell (1835) assinalou a espécie para Galápagos e para o Brasil. Posteriormente, espécimens provenientes do Pacífico Oriental foram descritos como *A. emarginatus* Milne Edwards & Lucas (1843) (localidade tipo: perto de Lima, Peru). *A. debilis* Dana (1851) (localidade tipo: Valparaíso, Chile) e *A. concamerata* Kinahan (1857) (localidade tipo: "North Chinchas Islands", Perú). Foi também descrita uma espécie do Brasil, *Peltinia scutiformis* Dana (1851) (localidade tipo: Rio de Janeiro).

Smith (1869) menciona a ocorrência, no Brasil, de *P. scutiformis* e *A. petiverii*, pondo em dúvida a ocorrência desta última no Pacífico Oriental aceita por Dana (1851, 52) e por Bell (1835).

A Milne Edwards (1878) mencionou *A. petiverii* como espécie muito variável, acreditando que *A. emarginatus* e *P. debilis* deviam ser reunidas numa espécie única.

Rathbun (1894) assinalou *A. petiverii* para Mar Grande, Bahia e, com incerteza, para Pernambuco.

Moreira (1901) aceitou *Peltinia* como sinônimo de *Pugettia* admitindo a ocorrência no Brasil de duas espécies, *Pugettia scutiformis* e *A. petiverii*, a primeira no Rio de Janeiro e a segunda na Bahia e Pernambuco, neste último com dúvidas.

Rathbun (1925) inclui na sinonimia de *A. petiverii* todas as espécies mencionadas até agora: *A. emarginatus* Milne Edwards & Lucas, *A. debilis* Dana, *Peltinia scutiformis* Dana e *A. concamerata* Kina-

han. Foram listadas várias localidades no Atlântico Ocidental (desde a Flórida até a Venezuela e desde a Paraíba até o Rio de Janeiro) e no Pacífico Oriental (desde a Baía Califórnia até o Chile).

Crane (1947) observou que espécimens da América Central, do lado Pacífico, mostravam coloração de acordo com a das algas em que viviam; no entanto, os espécimens mais verdes viviam sobre uma espécie da alga "alface do mar" muito lisa e eram mais lisos e com menos tubérculos que os demais. A autora acrescenta que a variação no número de tubérculos era bem conhecida, porém que, aparentemente, esta adaptação de colorido e relevo com ambiente ainda não tinha sido registrada.

Garth (1957) constatou que variação enorme no material que identificou como *A. petiverii* proveniente do Pacífico Oriental, principalmente no que diz respeito à presença ou ausência de tufos de pelos na carapça e no ângulo do lobo hepático, obtuso ou agudo. Acrescenta que 2/3 dos espécimens provenientes do Perú tinham a carapaça lisa e sem pelos, não importando a idade ou o sexo, enquanto o terço restante exibia apenas um par de tubérculos na região gástrica, cada qual com seu tufo de pelos. Ao contrário, um exemplar de pequeno porte proveniente de Acapulco, México, possuia todos os tufos de pelos: três na região gástrica, um na cardíaca e um na intestinal, enquanto, entre quatro fêmeas ovadas provenientes da mesma localidade, duas foram desprovidas de tufos e duas apresentaram apenas os tufos gástricos. O ângulo do lobo hepático foi interpretado como tendo relação com o sexo, pois a maioria dos machos possuia ângulo mais agudo, enquanto a maioria das fêmeas, devido à sua carapaça mais arredondada, traziam ângulo obtuso ou lobo arqueado. Os machos de tamanho pequeno (até 8 mm) se assemelhavam às fêmeas nesta característica, enquanto os machos de tamanho intermediário tinham uma aparência muito quadrada.

Chace (1966) comparou exemplares de *Acanthonyx petiverii*

coletados nas Antilhas (Martinica e Santa Cruz), apresentando o resultado deste estudo numa figura. Os machos de *A. petiverii* (13,3mm de comprimento da carapaça) apresentam lobo hepático com ângulo reto, porém o de maior porte (15,2 mm e 18,5 mm), estão dotados de ângulo mais agudo no lobo hepático; a fêmea (carapaça de 19,3 mm), é semelhante ao macho menor, porém é ilustrada sem os cinco tufos de pelos encontrados nos machos.

Vélez (1977) ilustra espécimen macho proveniente da Colômbia, de comprimento superior ao maior exemplar ilustrado por Chace (1966), porém semelhante quanto ao contorno e ao relevo da carapaça.

Rodriguez (1980) observa que, nos espécimens da Venezuela, existem três tubérculos pouco marcados, e com um pincel de cerdas sobre a região gástrica, outro sobre a cardíaca e outro sobre a intestinal, porém na fêmea desaparecem estes tubérculos mas permanecem as cerdas.

Examinando material do Brasil, Coelho (1988) constatou que havia diferenças significativas entre os seus espécimens e as figuras e descrições de Chace (1966), Vélez (1977) e Rodriguez (1980). Por este motivo, foi de opinião que haveriam três espécies distintas no Atlântico Ocidental: *A. petiverii* da Flórida, Antilhas e Norte da América do Sul e duas espécies no Brasil, uma que provavelmente seria identificada com *Peltinia scutiformis* Dana (e colocada então no gênero *Acanthonyx*) e outra que seria descrita oportunamente.

O presente trabalho retoma a questão, descrevendo as duas espécies de *Acanthonyx* existentes no Brasil, e procurando justificar os motivos pelos quais uma deve ser identificada à *Peltinia scutiformis* e ambas devem ser consideradas distintas de *A. petiverii*.

MATERIAL E MÉTODOS

Foram examinados cerca de 143 exemplares pertencentes às coleções do Departamento de Oceanografia da Universidade Federal de Pernambuco (DOPE), Museu Nacional, Rio de Janeiro (MNRJ), Museu de Zoologia, São Paulo (MZSP), Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Zoologische Museum University Hamburg (ZMH).

Para cada espécie são fornecidos: sinonímia, descrição, dimensões, variações, coloração, localidade tipo, outros registros, material examinado, distribuição geográfica e ecologia.

As sinonímias para o gênero e as espécies são parciais.

As descrições estão limitadas aos caracteres mais evidentes e estão baseadas tanto nos espécimens examinados como na literatura consultada; as medidas de comprimento incluem o rostro.

Os registros das espécies não pretendem ser completos, tendo a finalidade apenas de indicar a área de ocorrência conhecida anteriormente à realização da presente pesquisa.

Para a ecologia foram utilizados exclusivamente os dados referentes ao material examinado. Os dados de temperatura e salinidade utilizados na caracterização da área de ocorrência das espécies foram retirados de LEE (1980), do OCEANOGRAPHIC ATLAS OF THE NORTH ATLANTIC OCEAN do SOUTH ATLANTIC OCEAN CURRENT CHART e de COELHO & SANTOS (1980).

RESULTADOS

Gênero *Acanthonyx* Latreille, 1825

Acanthonyx Latreille, 1825: 698. - Rathbun, 1925: 141. - Garth, 1958: 222.

Gynosoma Costa, 1844: 69.

Peltinia Dana, 1851: 272.

Descrição - Carapaça sub-oblonga, deprimida. Rostro terminando em dois espinhos agudos. Espinho pré-ocular elevado, agudo. Olhos pequenos, móveis. Flagelo da antena visível ao lado do rostro. Margem lateral com espinhos não proeminentes.

Maxilípede externo com mero truncado distalmente e com pequeno entalhe no ângulo ântero-interno.

Qualípedes bem desenvolvidos. Patas ambulatórias curtas, com propódio dilatado e comprimido, armado com um dente ou lobo na margem inferior, contra a qual o dátilo se fecha.

Espécie tipo - *Maia lunulata* Risso, 1816.

Afinidades - O gênero *Acanthonyx* é muito semelhante a *Dehaanius* McLeay; a principal diferença entre os dois é que em *Acanthonyx* existe a fusão de dois pleômeros, tanto nos machos como nas fêmeas, enquanto em *Dehaanius*, todos os pleômeros do macho são distintos e separados, enquanto na da fêmea o quarto, quinto e sexto pleômeros estão fusionados entre si.

Espécies incluídas - São conhecidas quatro espécies no Atlântico Oriental, uma no Atlântico Central (Ilha de Santa Helena), três no Atlântico Ocidental (incluindo a que é descrita agora), pelos menos uma no Pacífico Oriental e cinco no Indopacífico.

Chave para identificação das espécies do gênero *Acanthonyx* encontradas no Brasil.

1 - Lobos hepáticos encurvados para cima e para a frente; carapaça com tubérculos dorsais e laterais armados de pelos longos. ..... *A. scutiformis*

2 - Lobos hepáticos nunca encurvados para cima e para a frente; tubérculos e pelos da carapaça muito reduzidos. *A. dissimulatus*

Acanthonyx scutiformis (Dana).

Peltinia scutiformis Dana, 1851: 273, 1852: 130; 1855: pl. 5, fig. 7 a - c. - Smith, 1869: 33.

Pugettia scutiformis: Miers, 1886: 40. - Moreira, 1901: 65, 138; 1920: 126.

Acanthonyx petiverii: Bell, 1835: 173. - Rathbun, 1925: 142 (em parte) (não *Acanthonyx petiverii* Milne Edwards, 1834: 343).

Descrição - Carapaça quase lisa, com apenas alguns tufos de pelos.

Rostro defletido, bífico, com os ápices terminando em tufos de pelos; dois tufos de pelos curvos na superfície dorsal; pelos retos nas margens e no seio entre os dentes.

Região gástrica com três tubérculos setíferos, dispostos em triângulo; regiões cardíaca e intestinal cada uma com um tubérculo; um par de tubérculos laterais na região intestinal. Todos os tubérculos da carapaça possuem tufo de cerdas longas.

Margens da carapaça com região hepática com margem anterior inclinada para cima e para frente, ornada lateralmente com pelos retilíneos; região branquial com dois tubérculos, também armados com pelos retilíneos.

Lobos pré-orbitais obtusos, elevados, ornados anterior e dorsalmente com cerdas.

Artículo basal da antena desprovido de espinho distal; dois artículos seguintes subcilíndricos e com cerdas na porção distal.

Quelípedes com mero armado com dois tubérculos situados na margem superior, perto da base, além de duas elevações pouco nítidas na margem inferior e de três lobos agudos, terminando em franja de pelos, na margem anterior; carpo com três elevações setíferas na margem dorsal e outras duas também setíferas, na

margem anterior; palma com carena dorsal pouco nítida, o terço inferior e a porção anterior da face externa lisas e brilhantes, o restante opaco pela presença de inúmeros pelos dispostos compactamente; dedos afastados por grande parte de sua extensão.

Patas ambulatórias com mero ornado por um tufo de pelos na margem superior e três na margem distal; carpo das primeiras até terceiras patas ambulatórias com dois tufos de cerdas dorsais, dois tufos distais e um tufo ventral; mero das patas do quarto par com apenas um tufo dorsal, os restantes como nas patas anteriores.

Os cinco esternitos torácicos anteriores lisos e brilhantes, ao contrário dos três restantes, encobertos pela presença de penugem.

Dimensões - Até 18 mm de comprimento de carapaça.

Variações - Alguns caracteres variam com o tamanho e o sexo dos exemplares.

O primeiro artículo móvel da antena ultrapassa o nível do seio entre os dentes do rostro nos exemplares de 5 mm de comprimento, porém não o alcança nos exemplares machos de 9 - 10 mm de comprimento, e mais; nas fêmeas até 15 - 16 mm de comprimento, no entanto, o 1º artículo alcança o nível do seio, e só aos 18 mm já não o alcança. O segundo artículo móvel da antena apenas ultrapassa o rostro nos exemplares menores, porém nos machos a partir de 10 mm e nas fêmeas a partir de 15 - 16 mm ultrapassa o rostro por 1/3 a 1/2 de seu comprimento. O hiato dos quelípedes se manifesta nos machos maiores, porém nas fêmeas e nos machos menores os dedos são crenulados e em contato, deixando, no máximo, pequeno hiato na porção basal. As patas ambulatórias dos exemplares pequenos possuem propódio praticamente cilíndrico, porém os exemplares maiores possuem expansão triangular, com pelos, bem desenvolvida.

Coloração - Variável, de acordo com a da alga sobre a qual for encontrado; a coloração desaparece rapidamente no álcool.

Localidade tipo - Baía do Rio de Janeiro (= Baía da Guanabara).

Outros registros - BRASIL: Espírito Santo (RATHBUN, 1925), Rio de Janeiro (RATHBUN, 1925; DANA, 1852).

Material examinado - 23 exemplares, provenientes de 11 coletas.

ESPIRÍTO SANTO: Guarapari, s. data, 1 m, 2 f ov, MZSP; 14/04/1960, 2 j. MZSP.

RIO DE JANEIRO: Armação dos Búzios, Cabo Frio, 07/1957, 1 f ov, MZSP; Itaipu, 04/1963, 1 m, MNRJ; Enseada do Flamengo, 06/08/1982, 1 m, MNRJ; Sepetiba, 1 m, MZSP, Guaratiba, 17/01 / 1963, 3 j. MZSP; Angra dos Reis, 20/04/1966, 1 m, MZSP, Praia de Vila Velha, 22/05/1966, 1 m, 3j,MZSP; Praia de Vila Velha, 22 / 05/1966, 1m, DOPE; Praia Mombaça, 22/0571966, 1f ov, 2j, MZSP.

SÃO PAULO: Ubatuba, 09/07/1968, 1m, MZSP; Praia Domingos Dias, 1m, MZSP; São Sebastião, Praia do Segredo, 25/01/1982, 1f ov, MNRJ.

Distribuição geográfica - Atlântico Ocidental: Brasil-desde o Espiríto Santo até São Paulo (aproximadamente, $20^{o}40'S$-$23^{o}50'S$).

Ecologia - Encontrada em coletas costeiras, sem registros sobre o tipo de fundo.

Comentários - *Acanthonyx scutiformis* se assemelha à *Acanthonyx petiverii* e à *A. dissimulatus* sp. n. *A. scutiformis* possui pelos mais longos nos tubérculos, além de apresentar contorno da carapaça e ornamentação das patas diferentes. É de se salientar, principalmente, a conformação dos lobos hepáticos, encurvados para cima e para frente nos jovens e nos adultos enquanto em *A.*

petiverii é encurvada apenas nos adultos e em *A. dissimulatus* sp. n. nunca o é.

O material estudado é considerado como pertencendo à espécie *A. scutiformis* descrita por Dana, pela semelhança entre os jovens examinados e as descrições e ilustrações do referido autor.

Acanthonyx dissimulatus Coelho sp. n.

(Fig. 1)

Acanthonyx petiverii : Rathbun, 1984: 72, 1900: 142, 1925: 142 (em parte) Fausto Filho, 1966: 33. - Coelho, 1971: 139. - Coelho & Ramos, 1972: 210. Não *A. petiverii* Milne Edwards, 1834: 343.

Holótipo - 1m, proveniente de Tambaú, João Pessoa, PB, à 07/09/1971, depositado no Museu de Zoologia da USP (MZSP, nº 6596).

Parátipos - 1 f, Tambaú, PB, coletada no mesmo local e data que o holótipo (MZSP, nº 6596); 3 m, 2 f (ov) e 5 j, provenientes de Piedade, Jaboatão, PE. 01/08/1988 (DOPE).

Descrição - Carapaça quase lisa, com apenas alguns tufos de pelos.

Rostro defletido, bífido, com os ápices termiando em tufos de pelos; dois tufos de pelos curvos na superfíce dorsal, alguns pelos retos esparsos nas margens e no seio entre os dentes.

Região gástrica com três tubérculos setíferos, dispostos em triângulo; regiões cardíaca e intestinal cada uma com um tubérculo; nos jovens, às vezes um par de tubérculos setíferos laterais na região intestinal, porém nos adultos de maior porte estes são ausentes e os demais são muito reduzidos ou ausentes.

Margens da carapaça com região hepática formando ângulo quase reto em vista dorsal, ornado com uma franja de pelos retos, região branquial com dois dentes pequenos, também ornados de cerdas.

Lobos pré-orbitais obtusos, elevados, ornados de pelos.

Artículo basal da antena desprovido de espinho distal; os dois artículos seguintes subcilíndricos e com cerdas na porção distal.

Quelípedes com mero terminando anteriormente em três lobos, um dorsal e um de cada lado, o lobo dorsal coroado por uma franja de pelos, dando a impressão que é agudo; carpo com carena dorsal pouco aguda, porções inferior e anterior da margem externa lisas e brilhantes, em contraste com o restante da superfície, lisa e opaca; dedos lisos e brilhantes.

Patas ambulatórias do primeiro e segundo pares com o mero terminando dorsalmente em tubérculo com tufo de pelos; um tubérculo com tufo de pelos no meio da margem superior do mero das primeiras às terceiras patas ambulatórias.

Quatro esternitos torácicos anteriores lisos e brilhantes, quatro posteriormente opacos.

Dimensões - Até 23 mm de comprimento da carapaça.

Variações - Alguns caracteres variam com o tamanho e o sexo dos exemplares.

O primeiro artículo móvel da antena alcança o seio entre os dentes do rostro nos exemplares de 12 - 13 mm, porém não o alcança nos machos e fêmeas de 20 mm ou mais. O segundo artículo móvel da antena ultrapassa o rostro em todos os exemplares, porém nas fêmeas de 20 - 23 mm apenas o ultrapassa, enquanto nos demais exemplares o ultrapassa por 1/2 a 1/4 de seu comprimento. O hiato dos quelípedes se manifesta nos machos maiores; as fêmeas

de maior porte têm hiato alongado, e as fêmeas e machos jovens têm os dedos crenulados e em contato por toda a sua extensão. As fêmeas de maior porte têm os tubérculos e tufos de pelos da carapaça muito reduzidos. As patas ambulatórias dos jovens possuem mero praticamente cilíndrico, porém a lâmina triangular se acentua nos exemplares de grande porte.

Coloração - Variável, de acordo com a da alga sobre a qual for encontrado; a coloração desaparece rapidamente no álcool.

Localidade tipo - Tambaú, Município de João Pessoa, Paraíba.

Outros registros - BRASIL: Ceará (COELHO, 1967/9; COELHO & RAMOS, 1972), Rio Grande do Norte (FAUSTO FILHO, 1966), Paraíba (RATHBUN, 1900; 1925; COELHO, 1971: COELHO & RAMOS, 1972), Pernambuco (RATHBUN; 1894; 1900; 1925; COELHO, 1971; COELHO & RAMOS, 1972), Bahia (RATHBUN, 1894; 1925; GOUVEA, 1979; 1986).

Material examinado - (não incluido na série típica) -

PIAUÍ: "A Saldanha", est. 1730, 30/10/1967, 1 f ov, MZSP.

CEARÁ: "A. Saldanha", est. 1710, 27/10/1967, 1 j.DOPE

RIO GRANDE DO NORTE: Areia Branca, Ponta do Mel, 23 / 04/1982, 2 j., MZSP; Areia Branca, Ponta do Mel, 23/06/1982, 2 m, 1 f ov, 2j, DOPE; Natal, 16/03/1964, 6 m, 6 f ov, 5 j, MZSP, Baía Formosa, Cabo Bacopari, 18/08/1982, 1 j, MZSP.

PARAÍBA: "Algas PB", est. 1 D, 21/01/1981, 2 m, 1 f ov, DOPE; "Algas PB", est. 15, 07.05.1981, 1 j, DOPE; "Algas PB", est. 67 A, 13/03/1981, 1 j, DOPE; "Algas PB, est. 90, 10/06/1981, 1 j, UFPB; Cabedelo, (25.05.1967, 1f, DOPE; João Pessoa, (Tambaú, 13.04. 1968, 1 m, Cabedelo, (25/05/1967, 1 f, DOPE) João Pessoa (Tambaú, 13/04/1968, 1m, 3 j, DOPE; 26/08/1972, 2 j, DOPE; Cabo Branco, 27/08/1980, 1 m, MZSP; 1 m, 1 j, UFPB,.

PERNAMBUCO: "Itamaracá" est.(08,06/01/1969, 1 j) DOPE; est. 11, 06/01/1969, 2 j, DOPE; est. 16 A, 07/01/1969, 1 m, 1 j, DOPE; est. 27, 17/01/1969, 1 m, 3 j, DOPE; est. 30, 17/01/1969, 1 m, 1 f, 1 j, DOPE; est. 39, 18/01/1969, 1 j, DOPE; est. 43, 18/01/1969, 1 m, DOPE; est. 46, 18/01/1969, 1 j, DOPE; est. 74, 05/02/1969, 1 m, DOPE; est. 75, 05/02/1969, 1 j, DOPE; est. 79, 06/02/1969, 1 j, DOPE; est. 82, 06/02/1969, 1 j, DOPE; est. 91, 20/02/1969, 1 m, 1 f, DOPE; est. 92, 20/02/1969, 2 j, DOPE, Ponta de Pedras, 24/10/1972, 1 j, DOPE; Itamaracá, Jaguaribe, 02/10/1971, 1 j, DOPE; Itamaracá, Jaguaribe, 29/07/1972, 1 j, DOPE; Itamaracá, Jaguaribe, 23/10/1972, 2 f, (1 ov), MZSP; Itamaracá, Jaguaribe, 31/10/1982, 1 m, UFPB; Itamaracá, Forte Orange, 02/10/1970, 1 m, DOPE; Itamaracá, Arrecife defronte do Forte Orange, 15/04/1972, 2 j, DOPE; Olinda, 12/05/1964, 1 f ov, 3 j, DOPE; "Recife" est. 103, 24/02/1967, 1 m, DOPE j; "Recife", est. 133, 11/04/1967, 1 m, 1 f, MZSP, Recife (etiquetado "Pernambuco, 1917"), 1 m, ZMH; Jaboatão, Piedade, 04/04/1962, 1 f. DOPE; Jaboatão, Piedade, 04/07/1964, 2m, 1 f ov, 2 j, DOPE; Jaboatão, Piedade, 21/11/1976, 1 m, DOPE; Jaboatão, Piedade, 15/03/1980, 1 j, DOPE; Jaboatão, Piedade, 10/1976, 1 j, DOPE; Jaboatão, Piedade, 25/03/1986, 1 j, DOPE; Jaboatão, Piedade, 07/1986, 1 m, 2 f ov, MZSP; Jaboatão, Candeias, 02/ 09 / 1960, 1 m, DOPE; Cabo, Itarema, 03/09/1982, 8 j, DOPE; Cabo, Itarema, 2 m, 4 f (3 ov), UFPB; Costão entre Gaibu e Santo Agostinho, 04/09/1982, 1 f ov, DOPE; Costão entre Gaibu e Santo Agostinho, 04.09.1982, 1 j,UFPB; Suape, 05/09/1967, 1 f ov, DOPE; "Condepe / Suape" est. 01, 28/02/1978, 5 j, DOPE; "Condepe/Suape", est. 09, 16/09/1978, 5 j, DOPE; "Condepe/Suape", est. 17, 19/01/1979, 1 j, MZSP; Ipojuca, Porto de Galinhas, 13/05/1972, 1 j, DOPE; Ponta do Serrambi, 05/09/1982, 1 j, DOPE; Ponta do Serrambi, 05.09.1982. 4 m, 4 f (3 ov), UFPB; Ponta do Serrambi, 02/04/1986, 2 j; DOPE; São José da Coroa Grande, 06/09/1982, 1 f ov, DOPE; "Pernambuco", est. 14 A, 29/11/1968, 1 m, 1 j, DOPE).

Distribuição geográfica - Atlântico Ocidental: Brasil desde o Piauí até a Bahia.

Ecologia - Encontrada desde a zona intertidal até cerca de 20-24 metros de profundidade, principalmente em fundos rochosos, porém com algumas ocorrências em substrato arenoso, às vezes associada à vegetação. Na Paraíba, ocorreu em temperaturas de 27,2 à 29,0°C e salinidades entre 35,9 e 36,4°/oo.

Comentários - *A. dissimulatus* sp. n. assemelha-se à *A. scutiformis* e *A. petiverii*, *A. dissimulatus* sp. n. possui pelos mais curtos e tubérculos menos desenvolvidos que ambas, quando comparados indivíduos do mesmo tamanho. Além disto, o contorno da carapaça e a ornamentação das patas diferem nos indivíduos de grande porte.

Os exemplares provenientes da Bahia e publicados por Rathbun (1984, 1925) são atribuídos à presente espécie e não a *A. scutiformis*. Tal decisão se baseia em material examinado por Gouvêa (1970, 1986). Com efeito as ilustrações de Gouvêa (1970) não deixam dúvidas quanto à identidade do material por ele examinado.

DISCUSSÃO

De acordo com os dados ecológicos disponíveis *Acanthonyx dissimulatus* sp. n. é uma espécie costeira, encontrada desde a zona intertidal até cerca de 20 - 24 metros de profundidade, principalmente em fundos rochosos, porém com algumas ocorrências em substrato arenoso, às vezes associada à vegetação.

A. scutiformis é também uma espécie de águas rasas, porém não há registro de dados sobre o tipo de fundo nos locais de coleta.

A distribuição de *A. dissimulatus*, em direção ao sul não ultrapassa a posição da isoterma de 24°C em agosto ou a de 27°C em fevereiro. A salinidade é superior a 36°/oo ao longo de toda a área.

No setor de ocorrência de *A. scutiformis* , a temperatura da água de superfície não ultrapassa, em direção ao sul, a isoterma de 18°C em agosto ou a de 24°C em fevereiro, e em direção ao norte, as isotermas de 24 a 27°C em agosto e fevereiro, respectivamente.

A distribuição de *A. scutiformis* desde o Espiríto Santo até São Paulo é comparável à de outros decápodos, como por exemplo *Microphrys garthi* (Lemos de Castro), também da família Majidae e de algumas espécies de Palaemonidade, Callianideidae e Ocypodidae, sendo mais uma indicação de que este setor constitui uma área de endemismo. Algumas espécies, como *Lepidopa venusta* Stimpson (Albuneidae) e *Epialtus brasiliensis* Dana (Majidae), embora ocorram na Colômbia ou Venezuela, têm também uma distribuição restrita a este trecho do litoral brasileiro (Coelho & Ramos, 1972; Vélez, 1977; Calado et al., 1990).

A área de ocorrência da nova espécie (Piauí - Bahia), corresponde a uma área de endemismo conhecida para espécies de outras famílias de decápodos, inclusive outras espécies de Majidae (espécies tropicais do sul).

Dana (1851, 52) descreveu, sob o nome de *Peltinia scutiformis*, um caranguejo de 2 "linhas" de comprimento, isto é, cerca de 4,2 mm; as dúvidas que porventura permaneçam quanto à identidade da espécie desaparecem quando se comparam as ilustrações (Dana, 1855) com espécimens de tamanho semelhante provenientes do Nordeste e Sudeste do Brasil. Com efeito, apenas os espécimens jovens provenientes do Sudeste do Brasil se assemelham à ilustração de DANA, o que levou os autores a considerar a população do Nordeste como espécie distinta. No entanto, o caráter relativo ao propódio que DANA utilizou para criar o gênero *Peltinia* é encontrado nos jovens das duas espécies. Comparando as três espécies do Atlântico Ocidental entre si, é possível, simplificando um pouco

a questão, constatar que os adultos de *A. petiverii* se assemelham aos jovens e adultos de *A. scutiformis* e os jovens de *A. petiverii* aos jovens e adultos de *A. dissimulatus* n. sp.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELL, T. Some account of the Crustacea of the coasts of south America, with description of new genera and species. I. Oxyrhynchi, Proc. Zool. Soc. London, London, v. 3, p. 169-73, 1935.

CALADO, T.C.S.; COELHO, P.A.; RAMOS-PORTO, M. Crustáceos decápodos da superfamília Hippoidea na costa brasileira. Arq. Biol . Tecnol., v. 33, n. 4, p. 743-757, 1990.

CHACE, F.A. Jr. Decapod Crustaceans from St. Helena Island, South Atlantic. Proc. U.S. Nat. Mus., Washington, v. 118, n. 3536, p. 623-61, 1966.

COELHO, P.A. Nota prévia sobre os Majidae do Norte e Nordeste do Brasil (Crustacea, Decapoda). Arq. Mus. Nac., Rio de Janeiro, v. 54, p. 137-43, 1971.

_____. Algumas mudanças na taxonomia da família Majidae (Crustacea, Decapoda). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ZOOLOGIA, 15, Curitiba, 1988. Resumos ... Curitiba, Sociedade Brasileira de Zoologia, 1988. p. 88.

_____; & RAMOS, M.A. A constituição e a distribuição da fauna de decápodos do litoral leste da América do Sul entre as latitudes de 5°N e 39°S. Trab. Oceanogr. Univ. Fed. Pernambuco, Recife, v. 13, p. 133-236, 1972.

_____; & SANTOS, M.F.B.A. Zoogeografia marinha do Brasil. I. Considerações gerais sobre o método e aplicação a um grupo de crustáceos (Paguros: Crustacea, Decapoda, superfamílias Paguroidea e Coenobitoidea). Bol. Inst. Oceanogr. São Paulo, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 139-44, 1988.

COSTA, O.G. Catálogo di Crostacei raccolti nel golfo di Torento nella primavera del 1830. Men. Accad. ssi, Napoli, v. 5, p. 67 -74, 1844.

CRANE, J. Eastern Pacific Expedition of the New York Zoological Society. XXXVIII. Intertidal brachygnathous crabs from the west coast of tropical America with special reference to ecology. Zool., N. York, v. 32, part 2, 1947.

DANA, J.D. Crustacea, Part 1. In: United States Exploring Expedition during the years 1838, 1839, 1840, 1841, 1842, under the Command of Charles Wilker, U.S.N. Atlas, p. 1-27, Philadelphia, 1855.

_____. Crustacea. Philadelphia, C. Sherman, 1852/3. 2 v. 1816 p. (United States Exploring Expedition during the years 1838, 1839, 1840, 1841, 1842. Under Charles Wilkes, U.S.N., 13).

_____. On the classification of the Majoid Crustacea or Oxyrhyncha. Amer. J. Sci., New Haven, v. 11, p. 425-34, 1851.

FAUSTO-FILHO, J. Primeira contribuição ao inventário dos crustáceos decápodos marinhos do Nordeste brasileiro. Arq. Est. Biol. Mar. Univ. Fed. Ceará, Fortaleza, v. 6, n. 1, p. 31-7, 1966.

GARTH, J.S. Reports of the Lund University Chile Expedition 1948-1949. 29. The Crustacea Decapoda Brachyura of Chile. Lunds. Univ. Arsskr., Lund, v. 53, n. 7, p. 3-131, 1957.

_____. Brachyura of the Pacific Coast of America, Oxyrphyncha. Allan Hancock Pac. Exped., Los Angeles, v. 21, n. 1/2, p. 1-854, 1958.

GOUVÊA, E.P. de Alguns Brachyura (Crustacea) da Baía de Todos os Santos e arredores de Salvador. São Paulo, 1970. Universidade de São Paulo. 71 p. (Tese de Mestrado em Ciências - Zoologia - USP).

GOUVÊA, E.P. de A carcinofauna do litoral rochoso de Salvador, BA, e alguns aspectos ecológicos. Ciência Cult., São Paulo, v. 38, n. 2, p. 346-356, 1986.

LATREILLE, P.A. Triangulaires. In: Encyclopédie méthodique: Entomologie, ou Histoire Naturelle des Crustacés, des Arachnides et des Insectes, v. 10, p. 697-701. Paris, 1825.

LEE, U. Physical Oceanography of the tropical Atlantic during GATE. Miami, University of Miami, 1980.

MIERS, E.J. Report on the Brachyura collected by H.M.S. "Challenger" during the years 1873 - 1876. London, 1886; 362 p. (Zoology, 17).

MILNE EDWARDS, A. Note sur quelques crustacés nouveaux appartenant au groupe des Oxyrhynques. Bull. Soc. Philom., Paris, v. 2, p. 222-5, 1878.

MILNE EDWARDS, H. Histoire Naturelle des Crustacés, comprenant l' anatomis, la physiologie at la classification de les animaux. Paris, Librarie Encyclopedie de Roret. 1834. v. 1, 468p.

MOREIRA, C. Contribuição para o conhecimento da fauna brasileira. Crustáceos do Brasil. Arch. Mus. Nac., Rio de Janeiro, v. 11, p. 1-151, 1901.

_____. Faune carcinologique de L'ile de la Trinidad. Bull. Soć. Zool. France, v. 45, p. 125-132, 1920.

Oceanographic Atlas of the North Atlantic Ocean. Section, II. Washington, U.S. Naval Oceanographic Office, s. d. 300 p. (Pub. 70).

RATHBUN, M.J. Notes on crabs of the family Inachidae in the U.S. National Museum. Proc. U. S. Nat. Mus., Washington, v. 17, p. 43-75, 1894.

RATHBUN, M.J. The Decapod and stomatopod Crustacea. Results of the Branner - Agassiz Expedition to Brazil. 1. Washington, Academy of Science, 1900, p. 133-56. (Proceedings of the Washington Academy of Science, 2).

_____. The spider crabs of America. Bull. U.S. Nat. Mus, Washington, v. 129, p. 1-613, 1925.

RODRÍGUEZ, G. Les Crustaceos decapodos de Venezuela. Caracas. Instituto de Investigaciones Cientificas, 1980. 494 p.

SMITH, S.I. Notice of the Crustacea collected by C.F. Hartt on the coast of Brazil in 1867. Trans. Conn. Acad. Arts. Sci., New Haven, v. 2, n. 1, p. 1-44, 1869.

South Atlantic Ocean Current Chart. Estados Unidos, Hidrographic office U.S. Navy, 1949. (H. O, Misc. Nos. 10.689 – 1á 10.689.12). Mapas.

VÉLEZ, F.M.M. Distribution y ecologia de los Majidae. (Crustacea, Brachyura) en la region de Santa Marta, Colombia. An. Inst. Invest Mar. Punta Betin, Santa Marta, v. 9, p. 109-40. 1977.

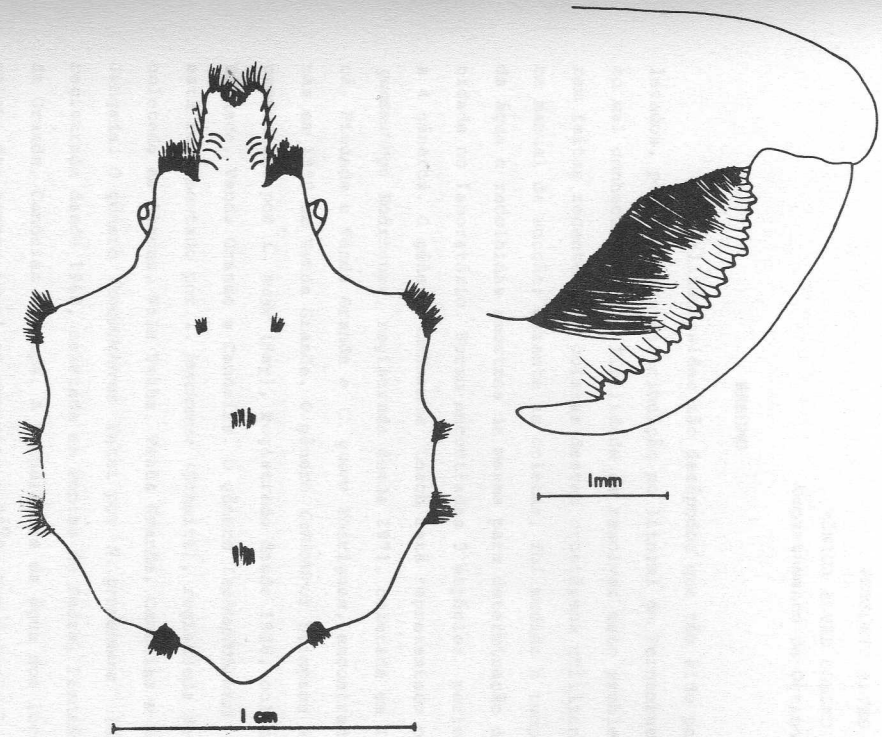

Fig. 1 - *Acanthonyx dissimulatus* sp. n., Holótipo. Carapaça em vista dorsal; pata ambulatória do quarto par, extremidade do propódio e dáctilo.